

SAÚDE

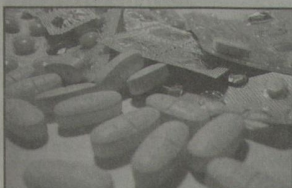
Soda cáustica causa lesão grave em criança

Substância corrosiva 'queima' o esôfago e deixa sequelas; produto de limpeza é vice-líder no ranking de intoxicações

INTOXICAÇÕES MAIS FREQUENTES EM CRIANÇAS

Por remédios

Medicamentos que mais intoxicam



■ **Benzodiazepínicos**
(ansiolíticos, anticonvulsivantes)
Sintomas da intoxicação: sonolência, letargia, confusão, delírio, dificuldade de fala, diminuição ou perda dos reflexos, hipotermia, dificuldade respiratória, pressão baixa, taquicardia e choque

■ **Antidepressivos**
Sintomas da intoxicação: letargia, coma ou convulsões, excitação seguida de coma, com dificuldade respiratória, diminuição dos reflexos, hipotermia e pressão baixa

■ **Descongestionantes nasais**
Sintomas da intoxicação: náuseas, vômitos, cefaléia, rubor de pele, sudorese, irritabilidade, inquietude, aumento da pressão arterial, distúrbios cardíacos, hipotermia e sonolência

■ **Antigripais**
Sintomas da intoxicação: sonolência, cefaléia, tonturas, vômitos, taquicardia ou bradicardia, palitação, hipertensão arterial, tremores e distúrbios neuropsíquicos

Como prevenir

- Evite tomar remédio na frente de crianças
- Não dê remédio no escuro para que não haja trocas perigosas
- Mantenha os medicamentos nas embalagens originais
- É importante que a criança aprenda que remédio não é bala, doce ou refresco. Quando sozinha, ela poderá ingerir
- Mantenha medicamentos trancados e fora do alcance das crianças
- Adquirir, se possível, produtos com trava de segurança

Em caso de acidente

- Procure imediatamente o centro de intoxicações da sua cidade, ou leve a criança ao pronto-socorro junto com a embalagem do medicamento que ela ingeriu

Por produtos de limpeza



Como prevenir

- Guarde os produtos de limpeza em armários bem altos e nas embalagens originais. Evite deixá-los perto do tanque
- Nunca compre ou coloque os produtos em embalagens de refrigerantes
- Cuidado com os produtos clandestinos. Água sanitária clandestina pode ter grande quantidade de soda cáustica

Em caso de acidente

- Procure o centro de intoxicações de sua cidade ou leve imediatamente a criança ao pronto-socorro, carregando o frasco do produto que ela tomou para avaliação do médico

O que não fazer

- Não provoque o vômito. Derivados de petróleo, como removedor, e produtos cáusticos, como água sanitária, queimam a boca da criança na entrada e na saída e alguns ainda oferecem risco de pneumonia pela inalação dos gases exalados

CLÁUDIA COLLUCCI

DA REPORTAGEM LOCAL

As intoxicações causadas por produtos de limpeza, especialmente os que contêm soda cáustica, são as que mais deixam sequelas nas crianças com menos de cinco anos de idade. Por ser altamente tóxica e corrosiva, a soda cáustica provoca graves lesões no esôfago. Nos casos mais graves, pode levar à morte.

Para toxicologistas e pediatras, a situação tem se agravado com a proliferação dos produtos sanitários clandestinos, que já respondem por um terço do consumo no país, segundo a Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas). Em geral, esses produtos têm na sua composição substâncias tóxicas em excesso.

Os produtos de limpeza ocupam o segundo lugar no ranking das intoxicações que vitimam crianças com menos de cinco anos no Brasil. Foram 2.339 casos em 2001, 19% do total de intoxicações nessa faixa etária, segundo dados parciais do Sinitox (Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas), da Fiocruz (Fundação Oswaldo Cruz). Esses números referem-se a 13 dos 31 centros que compõem o Sinitox.

Os remédios foram responsáveis por 38% dos casos de intoxi-

cações infantis. Desde 1997, eles estão no topo do ranking (leia texto abaixo). Segundo Rosany Bochner, coordenadora do Sinitox, dois casos, o principal motivo da intoxicação é o mesmo: o descuido dos pais, que deixam remédios e produtos de limpeza ao alcance das crianças, associado às embalagens inseguras.

O caso de Lucas, 3, é um exemplo típico. Ele encontrou uma garrafa plástica de guaraná perto do tanque e, imediatamente, levou-a à boca. O líquido era água sanitária, que provocou queimadura na boca e no esôfago. "Agora, tranco tudo no armário", diz a mãe, Maria Caetano, 32.

Segundo a médica toxicologista Darciêla Alves do Amaral, coordenadora do Centro de Controle de Intoxicações da Prefeitura de São Paulo, que funciona no Hospital Jabaquara, a água sanitária esteve presente em 37% dos casos de intoxicações por produtos de limpeza atendidos pelo serviço em 2002. Em segundo lugar, vieram os removedores de cera e de gordura, com 14%, e em terceiro, a soda cáustica, com 8%.

A maior parte dos envenenamentos, diz Amaral, ocorre no horário do almoço, das 10h às 14h, período em que a criança está com fome e a mãe ocupada.

Segundo os médicos, os pais

não devem induzir o vômito nas crianças. Se o produto ingerido tiver querose, por exemplo, o vômito aumenta a possibilidade de aspiração da substância, o que pode causar grave pneumonia.

Água sanitária e produtos que contenham soda cáustica também não devem ser vomitados, pois queimam a mucosa do aparelho digestivo.

A queimadura, especialmente a provocada pela soda cáustica, pode causar lesões na língua, boca, faringe e laringe, além de estenose (fechamento ou diminuição da "boca") no esôfago, afirma Vera Sdepanian, professora de gastroenterologia infantil da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

Nesses casos, diz Sdepanian, é preciso dilatar o esôfago e introduzir vários tubinhos para aumentar o órgão. O procedimento tem de ser repetido várias vezes porque, com a cicatrização, o canal volta a diminuir, causando problemas na deglutição. Dependendo do grau da lesão, é preciso colocar uma sonda.

Segundo José Américo de Campos, presidente do departamento de segurança na infância da Sociedade Brasileira de Pediatria, é desaconselhável dar leite à criança. "O leite empurra o produto tóxico e dificulta a lavagem estomacal."



O farmacêutico bioquímico José Eduardo Bettencourt analisa amostra de sangue no Hospital Jabaquara

Pais não devem associar remédio a doce

DA REPORTAGEM LOCAL

Os antidepressivos, os anticonvulsivantes, os analgésicos e os antigripais são os medicamentos mais frequentemente envolvidos em intoxicações infantis. Em geral, a criança encontra os remédios em locais de fácil acesso, como em cima de móveis e no interior da bolsa da mãe.

Segundo a médica toxicologista Darciêla Alves do Amaral, os pais devem evitar associar remédio a doce. "É comum tentarem convencer o filho a tomar remédio falando que é balinha", diz, lembrando que esse tipo de argumento desperta a curiosidade da criança, que, em uma situação de descuido, leva remédio à boca.

Ocorrendo a intoxicação, afirma Amaral, é importante que os

pais procurem um pronto-socorro e levem junto a caixa do remédio ingerido pelo filho.

É a partir dessas informações que a equipe médica vai encontrar antídotos para combater os efeitos da intoxicação. Por isso, é importante que as embalagens não sejam reaproveitadas. Uma informação errada pode colocar em risco a vida da criança.

Em alguns casos, segundo ela, a mãe relata não ter visto o filho ingerir o remédio, o que torna necessário fazer uma análise do sangue da criança para, junto com a observação dos sintomas, adotar o tratamento correto.

Segundo a gastroenterologista Vera Lúcia Sdepanian, da Unifesp, a intoxicação por antiinflamatórios e antitérmicos pode provocar hemorragia digestiva. E

o caso do paracetamol, cujos sintomas só aparecem após 48 horas. O principal problema não é o remédio em si, mas o subproduto dele no organismo. Na metabolização pelo fígado, são liberadas substâncias tóxicas, capazes de causar lesões hepáticas, como a cirrose. Em casos mais graves, o processo pode levar à morte.

Para José Américo de Campos, da Sociedade Brasileira de Pediatria, além das intoxicações acidentais, são comuns as provocadas por engano dos pais, especialmente durante a noite.

Segundo Campos, outro tipo de intoxicação comum entre as crianças é com plantas tóxicas cultivadas tanto dentro quanto fora de casa. A folhagem comiguinguê-pode é a recordista de casos, segundo o Sinitox.

INTOXICAÇÕES MAIS FREQUENTES EM CRIANÇAS

Por plantas

Algumas das plantas tóxicas mais populares



Tinhorão

Comigo-ninguém-pode

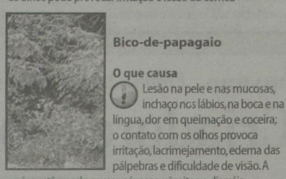


Copo-de-leite

Taioba-brava

O que causam

A ingestão e o contato podem causar inchaço nos lábios na boca e na língua, náuseas, vômitos, diarreia, salivação abundante, dificuldade para engolir e asfixia; o contato com os olhos pode provocar irritação e lesão da córnea



ingestão pode causar náuseas, vômitos e diarreia

Bico-de-papagaio

O que causa
Lesão na pele e nas mucosas, inchaço nos lábios, na boca e na língua, dor em queimação e coceira; o contato com os olhos provoca irritação, lacrimejamento, edema das pálpebras e dificuldade de visão. A

Mamoná

O que causa
Náuseas, vômitos, cólicas abdominais, diarreia mucosa e até sanguinolenta; nos casos mais graves, podem ocorrer convulsões, coma e morte

Espirradeira

O que causa
Queimação na boca, salivação, náuseas, vômitos intensos, cólicas abdominais, diarreia, tonturas e distúrbios cardíacos que podem levar à morte

Saia-branca

O que causa
Boca seca, pele seca, taquicardia, dilatação das pupilas, rubor da face, estado de agitação e alucinação; nos casos mais graves, pode levar à morte

Como prevenir

- Manter as plantas fora do alcance das crianças
- Ensine as crianças a não colocar plantas na boca e não utilizá-las como brinquedos (fazer comidinhas, tirar leite etc.)
- Não prepare remédios ou chás caseiros com plantas sem orientação médica

Em caso de acidente

- Retire da boca o que resta da planta
- Enxágue a boca com água corrente
- Guarde a planta para identificação
- Procure o centro de intoxicação ou pronto-socorro

Centros de intoxicações no país

- A ligação é gratuita a:
- 0800-7713733 CC/SP - São Paulo
 - 0800-148110 Ceatox/SP - São Paulo
 - 0800-780200 CIT/RS - Porto Alegre
 - 0800-410148 CIT/PR - Curitiba
 - 0800-2844343 Clave/BA - Salvador
 - 0800-643252 CIT/SC - Florianópolis

Fonte: Sinitox (Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas)

Número de vítimas é subestimado

DA REPORTAGEM LOCAL

Os números sobre intoxicações no país são subestimados. Como os hospitais e os pronto-socorros não são obrigados a notificar os casos de envenenamento ao Ministério da Saúde, o país não faz ideia da frequência real desse tipo de ocorrência.

Segundo Rosany Bochner, coordenadora do Sinitox, o sistema não tem informações de nove Estados brasileiros e, mesmo os que já fornecem os dados, o fazem com muito atraso. "Tenho até vergonha de dizer que os números de 2001 não estão prontos."

Para Bochner, a falta de um levantamento epidemiológico dá munção para os fabricantes de medicamentos e de produtos de limpeza questionarem legalmente

certas determinações.

Uma delas são as embalagens de segurança, que, por resolução da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), já deveriam ter sido adotadas por todos os fabricantes de produtos de limpeza com formulações corrosivas ou fortemente alcalinas ou ácidas.

Desde agosto do ano passado, esses produtos deveriam estar saindo da fábrica com embalagem plástica e rígida, de difícil ruptura, com tampa de dupla segurança à prova de abertura por crianças.

"Sabemos que ainda há muito produto no mercado fora dessas especificações", diz. Segundo a Anvisa, ao encontrar um produto nessas condições, a população deve denunciar a irregularidade à Vigilância Sanitária da sua cidade.

AURELIANO BIANCARELLI

DA REPORTAGEM LOCAL

O Centro Infantil Boldrini, de Campinas (SP), está aplicando questionários a pais de lactentes com leucemia —crianças de até dois anos— para comprovar ou não a relação entre agrotóxicos e inscicidas e esse tipo de câncer.

O Instituto Nacional do Câncer e o Hospital de Base de Brasília também participam do estudo. Pelo menos duas pesquisas —uma delas tinha como base populacional a cidade industrial de Manchester, na Inglaterra— apontam uma possível relação entre derivados de benzeno e me-

lts pesados e a ocorrência de leucemia em lactentes. "É preciso ampliar esses estudos", diz Silvia Brandalise, presidente do Centro Infantil Boldrini, que, na última sexta, assumiu a secretaria geral da Sociedade Latino-Americana de Oncologia Pediátrica (Slaop).

No Brasil, ocorrem de 6.000 a 6.500 novos casos de câncer entre crianças de até 15 anos. A leucemia é o tipo mais comum, com 25% e a 30% das ocorrências, seguidas de tumores no sistema nervoso central, com cerca de 20%.

A notícia boa é que o Brasil vem conseguindo níveis de cura do câncer infantil de 60% a 70% nos grandes centros urbanos —índi-

ces comparáveis aos de países do Primeiro Mundo. Abaixo, trechos da entrevista com Brandalise:

★

Folha - Quais as razões para os altos índices de cura entre crianças?

Silvia Brandalise - De um lado, o país já conta com uma estrutura de centros de referência para diagnóstico e tratamento que nos coloca dez anos à frente da média dos latino-americanos. O projeto Criança e Vida, da Fundação Banco do Brasil, em parceria com o Ministério da Saúde e a Fundação Orsa, vem mapeando os hospitais e oferecendo recursos para o aprimoramento de suas práticas.

Quase todos os Estados participam de protocolos terapêuticos vinculados à Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica.

Outra razão para o alto índice de cura é que as células das crianças respondem melhor à quimioterapia. A desvantagem é que essas células se multiplicam muito mais rapidamente, o que exige um diagnóstico precoce.

Folha - O que a Slaop quer fazer?
Brandalise - Vamos desenvolver estratégias políticas e econômicas em termos de medicamentos, estudos de protocolos comuns, capacitação de profissionais e a manutenção das casas de apoio, com a participação da sociedade civil.

ENTREVISTA

Centro estuda relações da leucemia